

O Trabalhador

ANO V

Associação e Administração R. Castelo, 1 - L.ª, Esq.
1 DE JUNHO DE 1938

Director e Editor: Manuel da Anunciação Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.ª

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 - Lisboa
QUINZENÁRIO - Avulso \$30

N.º 9

Causas e consequências

O facto de se ter criado anexo à Liga Operária Católica um Serviço Social e Sanitário representa por si um acto digno de louvor, pois, de facto, em Portugal, existe-se uma necessidade absoluta e premente de modificar as condições sociais e sanitárias das massas populares.

Despertou-nos interesse a criação desse serviço, e ao facto nos referimos na secção «A Margem do Trabalho», que publicamos no Diário de Notícias, e que este jornal transcreveu, porque, julgamos indispensável e urgente desenvolver a acção sanitária e social, que o mesmo serviço prece-

Estamos num país, onde há já muitas instituições, que se propõem combater estas ou aquelas consequências de causas que são a sua vez filhas da falta de um serviço sanitário e social, que criou e desenvolveu outros países.

Muita gente ignora que as sociedades necessitam, como o as plantas, de ter as suas camadas profundas em bom estado sanitário, pois sem isso o seu desenvolvimento e prosperidade aparentes são sujeitos a doenças sociais e políticas das mais graves.

O que na sociedade representa o papel da raiz na planta são as aldeias, são os meios rurais e são também os aglomerados citadinos de gente humilde e trabalhadora. Se nas aldeias, se nas camadas profundas da sociedade não hou-

ver saúde física e moral, quando menos se espera, o edificio social desaba convulsionado por uma crise de maior latitude ou anemado por falta da seiva, que lhe vem da alma popular.

É natural, é desculpável mesmo, que a maioria dos homens não tenha a preocupação de ver as coisas em profundidade e por isso se satisfaça por encontrar bonita aparência e côr rosada na parte da sociedade, que os meios citadinos burgueses representam.

No entanto, se não houver na profundidade um estado sanitário e social — e não pode haver esse estado sem uma boa dose de justiça a fortalecer-lo — a côr rosada pode durar bastante tempo mas para desaparecer, e de vez, quando o organismo total fôr atingido por doença grave e por vezes total.

Um «serviço social e sanitário» bem desenvolvido e bem próspero, poderá vir a ser uma coroa de glória para a Casa do Trabalhador Cristão, e para os trabalhadores cristãos que através dele prestarão um bem serviço aos seus camaradas de trabalho em especial e ao meio social em geral.

O que precisa evidentemente é de não se deixar seduzir pela tentação fácil das actuações superficiais e frívolas para se desenvolver com segurança debaixo do sópro quente das realizações seguras que são filhas da alma popular.

A. DE SOUSA GOMES

Não nos podemos conformar

Por contrário aos princípios que defendemos: por destruidora da paz social e das esperanças por inconveniente à economia nacional, sempre temos repetido, quer na teoria quer na prática, a luta de classes.

O movimento novo que Jesus-Operário, no véspera da sua morte, nos lançou, de nos armarmos uns aos outros como ele nos amou a nós, não o queremos esquecer nem despresar. Nas páginas deste jornal poder-se-á encontrar arojada defesa dos operários: nunca se encontraram encitamentos à revolta, ao odio ou ao simples despeito. Se defendemos, com vigorosa osadia, a justiça, nunca deixamos de pregar a Caridade mesmo para com aqueles cujos actos merecem a nossa mais indignada reprovação.

Estamos por isso à vontade para mais uma vez erguermos a nossa voz.

Por Despacho de 14 de Setembro de 1936, completado pelos Despachos de 13 e 29 de Outubro do mesmo ano e pelo de 7 de Janeiro de 1937, estabelecemos-se salários mínimos para a indústria de Fiação e Tecidos de Algodão — salários que entravam imediatamente em vigor uns e, em curto espaço de tempo, outros. Não foram estes salários estabelecidos por capricho ou levantamento. Sabia-se que os industriais os podiam perfeitamente pagar e ninguém poderá acuar os poderes públicos de terem ido até hoje longe da mais nas realizações de carácter social.

No entanto, ainda temos bem presente a oposição tenaz que os senhores Industriais moveram a estes justíssimos e honrosos Despachos: — despedimentos em massa, violências, ameaças! Pretendia-se criar aos operários uma situação

insustentável, com o fito de os levar a eles próprios, pedirem a revogação daquellas disposições.

Foi longo e cifilic o trabalho do I. N. T. P. para remover a oposição industrial. Houve mesmo necessidade de fechar os olhos e prolongar os prazos para a aplicação dos princípios impostos. Pa-recerá que, depois de tudo isto, a não se tendo dado nenhum agravamento na situação económica daquela indústria aliás sempre florescente, a quasi dois anos de vista, seria hoje questão resolvida a dos salários.

Pois não é?

Temos em nosso poder dezenas de cartas, estão diante dos nossos olhos, provas irrefutáveis, donde se conclue que os salários mínimos não são não são completamente applicações, como até se pagam ainda hoje salários de miséria (4500 por dia...) em muitas fábricas que abarrotam de lucros.

Como é isto possível? Vale a pena explicá-lo.

Muitos patrões não têm escrúpulos, não sabem por que destrazada formação sobre negócios e sobre economia. O Estado só pode verificar o cumprimento das disposições legais por meio da fiscalização. Ora esta, hoje e nesta industria, de quasi nada vale. E quasi nada vale, primeiro porque é ainda pouco; segundo porque se falsificam os folhos de féri-ros; terceiro porque se exerce uma ameaça constante sobre os operários, a fim de, sob pena de despedimento irremediável, mentirem aos fiscaes. E, assim, chegam estes, verificam os folhos, interrogam os operários, e partem convencidos de que tudo está em ordem. Se um dia vier uma multa de dezenas de contos,

já centenos se lucraram à custa dos expoições no salario!
e os sindicatos?

Jubra eles exerce-se a maior vigilância e, por vezes, a opressão. Os dirigentes sindicais são «conversados»; se a «conversa» nao dá resultado, ameaçados; se a ameaça não intimidou, denunciados como perigosos, etc.

Conhecemos casos lamentáveis!

Nao exageremos! Os operários en-viam-nos as suas queixas, mas sempre com o pedido de, por amor de Deus, não revelarmos o seu nome. Alguns — raríssimos! — que têm tico a honradez e a hombridade de dizerem a verdade aos riscos, tem pago bem cara a sua cou-sadia, tendo ao mudar de terra a passar menses com fome, até de encontra-rem de novo trabalho. Já aqui fixemos um apelo aos patrões católicos — apelo que foi publicado noutros jornais e, no nosso, repetidas vezes — no sentido de se oferecerem a occurrir um ou mais operários dos que, por terem dito a verdade, fossem despedidos. Nem um só patrão respondeu, porque todos estão de accordo em exercer sobre os seus operá-rios a mesma opressão ameaçadora.

Isto não pode continuar assim e esta-mos certos de que esta nossa denuncia alguma coisa há de fazer.

Outras disposições legais foram pu-blicadas que, como este, ficaram no ol-vido. Isto sem falar nos mil e uma pe-quenos coizos, nos mil e um pequenos abusos.

Mas este já vai longo e não quero-mos terminar sem dizermos da nossa maior repulsa pela attitudão destes senho-res industriais. Há excepções e noutro lu-gar deste jornal e já em números pas-sados a elas nos referimos, não lhes re-gateando o nosso apoio e o nosso lau-vor. Mas a grande maioria d'elles pro-cede indignamente, abusando da benevo-lência dos poderes públicos e da paciên-cia dos operários.

Reprovamos a luta de classes, con-denamos qualquer acção directas, mas não podemos conformar-nos com as in-jurias nem com as expoições. E não nos podemos sobretudo conformar, quan-do isto é feito por patrões que se di-zem católicos, que, se fôr preciso, têm entronizado o Sagrado Coração de Jesus á entrada das suas fábricas, que fazem peregrinações á frente dos seus operá-rios, que mandam guardar um minuto de recolhimento em Sexta-Feira Santa, etc., etc.

A sua religião é um escárnio, a sua attitudão, uma afronta. Nós os denuncia-mos, nós os acusamos perante o tribu-nal dos homens, diante do tribunal de Deus.

E já agora uma palavra aos operá-rios.

O vosso medo é fruto da vossa pou-ca união, da vossa falta de sacrificio,

Coisas do Arco da Velha

Pretendeu a Alemanha entrar na Checoslováquia. Não o fêz porque a França, a Inglaterra, a Polónia e, evidentemente, a Rússia, não o permitiram.

Há pouco ainda, entrou na Austria e anexou-a. Ninguém se opôs.

Qual a razão da diferença?

Talvez por ser a Austria um país católico e a Checoslováquia um país esquerdistas... Se não é por isso, parece.

Os operários das Minas da Panasqueira têm as suas reclamações, que são justíssimas, e estão sempre á espera de que sejam atendidas pela Empresa.

Constantemente apiam para nós e nos vamos dizendo que esperem, porque hão-de ser atendidos.

Acontece, porém, que já há meses estão á espera e o remédio nunca chega. Então alguns dos nossos assinantes, mais impacientes, já começaram a dizer que «O Trabalhador» é um «salvador».

Meus caros amigos, isso agora, alto lá! Aldrabão nunca fomos, nem somos, nem seremos!

Vós bem sabeis que não depende de nós a satisfação das vossas queixas. Se dependesse, já há muito estaria o caso resolvido.

Em todo o caso, continuamos a afirmar que tudo é questão de esperar mais algum tempo.

Tanto havemos de falar que a Companhia há-de ouvir. Nós temos em nosso poder documentação sufficiente, por onde se prova que os operários têm razão e a companhia não a tem.

A hora da justiça há-de chegar.

Temos já tudo preparado para um salto em forma em defesa dos operários Irenos até onde fôr preciso. Lastimamos, porém, ter necessidade de levar o caso Tribunal do Trabalho.

«Modas e Bordados» é um suplemento do jornal «O Século» e lançou agora ideia de uma «festa da Costureira». Dá-se prémios a quem apresentarem melhores modelos de vestidos, feitos por el-proprias. Várias casas associaram-se já á ideia e tudo promete que a festa leve muita gente.

Não achamos mal. Mas gostaríamos que em vez de dar festas ás costureiras, lhes dessem pão.

O que se paga, em Lisboa e nas províncias ás raparigas que se consagram ao mister de costurar é uma verdadeira infâmia. Os salários, a stco, não passam á uns miseros escudos semanais. Até tem vergonha de escrever aqui quanto ganhavam milhares de raparigas.

Festas? Achamos bem e interessante. Se via, porém, muito melhor que «O Século» promovesse uma campanha contra a exploração de que as costureiras são vítimas.

Não podem libertar-nos as ideias que rebaxam a nossa dignidade humana.

O Trabalho é a única fonte de riqueza. Por si só nada pode, é certo. Mas só ele é produtor.

Dr. Miguel de Sá e Melo

Após doloroso e prolongado sofrimento entregou a sua bela alma a Deus o saudoso amigo Dr. Sá e Melo.

Embora o sobússimos gravemente enfermo, foi para nós um rude golpe a noticia do falecimento daquele esplêndido rapaz que, escolhido, em hora feliz, para Assistente do I. N. T. P., logo marcou o seu lugar com intelligência e brio. Passaram-lhe pelas mãos muitas misérias a que elle soube dar justa e eficaz solução. Nas nossas visitas ao I. N. T. P., a pedir providências para as queixas que chegavam até nós, muitos vezes encontrámos-nos nele um conselheiro, um amigo e um verdadeiro auxilior. A elle devem muitos dos nossos leitores o apoio para os casos para que pediam providências.

Os motoristas de Lisboa, os Empregados da Carris, o pessoal dos teatros e tantos outros trabalhadores muito lhe ficaram devendo.

Em breves dias de vida, completou uma grande obra.

Não nos pertence a nós fazer o elogio do brioso rapaz a quem a morte venceu na flor da vida.

Queremos apenas deixar aqui assinalado o nosso profundo pesar e a nossa infinda saudade, pelo que fez em favor daqueles para quem até elle fomos pedir protecção.

A nossa pedido, escreveu um artigo no «Trabalhador», em defesa dos trabalhadores do teatro, e tinha prometido escrever mais. A doença não deixou e a morte acaba de nos roubar para sempre um tão precioso colaborador.

Porque foi um dos que melhor compreendeu o nosso movimento, as nossas aspirações e as nossas ansias de justiça, aqui lhe queremos deixar este humilde preito de homenagem.

A todos os operários pedimos uma prece pela alma deste gentil e valoroso rapaz.

Que do Céu, onde a sua alma cristã certamente descança, na plena felicidade da eterna glória, peça por nós, as que continuamos cá por baixo lutando pela Paz e pela Justiça.

Misericórdia de Lisboa
Lotaria de Santo António
extracção a 11 de Junho de 1938 ás
13 horas
1.º PRÉMIO
3.000.000\$00
Os lucros revertem para o Estado, Misericórdia de Lisboa, Hospitais Civis de Lisboa, Casa Pia de Lisboa, Direcção Geral de Assisténcia e Serviços Jurisdicionais de Menores.